

EPILEPSIA

O que é a Epilepsia (E)?

É um distúrbio caracterizado pela manifestação repetida de crises convulsivas.

Uma convulsão pode ser um acontecimento isolado na vida mas caso se repita várias vezes num certo período de tempo, chamamos-lhe Epilepsia.

Nos doentes com (E) diagnosticada chamam-se às convulsões: ataques epiléticos ou epileptiformes.

O que é uma Convulsão?

Uma convulsão é o resultado de uma descarga eléctrica no cérebro. As células cerebrais normais (neurónios) usam sinais químicos e eléctricos para comunicarem entre si. Esta comunicação pode ser excitatória ou inibitória, activando ou desactivando o próximo neurónio, respectivamente. Quando é ultrapassado o limite máximo excitação dos neurónios (ou limiar de excitação) surge uma descarga eléctrica. O equilíbrio entre as influencias excitatórias e inibitórias determina a forma como acontece a activação e passagem da informação aos neurónios seguintes. Caso haja um desequilíbrio excitatório, há uma activação exagerada de neurónios desencadeando uma descarga eléctrica e, conseqüentemente uma convulsão.

Tipos de Convulsões

Podem ser parciais ou focais e generalizadas.

Nas **CONVULSÕES FOCAIS OU PARCIAIS**, a descarga eléctrica parece ter origem apenas numa pequena área do cérebro, embora se possa propagar e transformar numa convulsão generalizada. As convulsões focais podem ser simples ou complexas.

As convulsões focais simples originam-se numa área cerebral que controla a actividade motora. Uma descarga eléctrica nessa área resultará num movimento anormal da zona do corpo controlada pela mesma. O animal poderá exhibir movimentos anormais de um membro, de uma zona da face, andar em círculos etc, no entanto, raramente perde a consciência e continua em alerta.

As convulsões focais complexas originam-se numa área cerebral que controla as emoções e o comportamento. Nesta convulsão, o animal poderá ter a sua consciência alterada e manifestar comportamentos bizarros como: correr desenfreadamente, caçar moscas imaginárias, ou mesmo ter ataques de agressividade não motivados.

Nas **CONVULSÕES GENERALIZADAS**, a descarga eléctrica surge no cérebro inteiro. São as formas mais comuns de convulsões no cão e no gato. Equivalem aos clássicos ataques epiléticos e clinicamente têm 3 fases distintas:

1- Aura: período antes da convulsão, propriamente dita. Muitas vezes não é percebido pelo dono, pois não existem muitas alterações visíveis. Não associado a momentos de excitação do animal, até porque a maioria das convulsões ocorre quando o animal está relaxado, quieto ou mesmo a dormir. Alguns animais mostram-se ansiosos, outros escondem-se ou procuram mais a atenção dos donos.

2- Convulsão ou ataque epileptiforme propriamente ditos, ou Ictus: é a convulsão propriamente dita, definida clinicamente, como uma convulsão tónica/clónica. Começa com rigidez/estiramento dos músculos (parte tónica), o animal normalmente cai de lado com os membros esticados e a

cabeça para trás. Uma vez iniciada a convulsão o animal perde a consciência, apesar de poder manter os olhos abertos. Por vezes emite vocalizações, baba-se e involuntariamente urina, defeca e esvazia as glândulas anais. A fase tónica é normalmente curta (30 segundos), sendo seguida pela fase clónica, caracterizada por movimentos rítmicos. Tipicamente a fase clónica consiste em movimentos de marcha dos membros e de mastigação. Por vezes, durante a convulsão o animal não respira, podendo a língua ficar azulada. Normalmente um ataque dura menos de 2 minutos, caso dure mais tempo tratar-se-á de uma emergência médica, pois o animal poderá entrar em ataque contínuo (*ver status epilepticus*).

3- Período pós-ictal: após um ataque há animais que permanecem deitados algum tempo, outros levantam-se logo. É frequente perderem a visão e ficarem desorientados neste período, por vezes fazem correrias e chocam com os objectos com que se cruzam. Alguns ficam com um apetite voraz e devoram toda a comida disponível. Embora seja raro, podem nesta fase ficar agressivos, especialmente se estiverem presos. Normalmente, o período pós-ictal resolve-se algumas horas após a convulsão e o animal volta ao normal.

O que é o *Status epilepticus*?

A maioria dos ataques epileptiformes são rápidos e isolados, mas por vezes podem ser mais graves. Especialmente os cães de raças grandes tendem a ter séries de convulsões. Nestes casos, o animal terá um ataque e antes que recupere terá um outro. Se isto se suceder repetidamente, o animal entrará num estado de convulsão ou ataque contínuo que não pára, esta condição é chamada de *status epilepticus* e é uma **emergência médica!**

Consequências dos ataques epilépticos

A maioria das convulsões são breves e com tratamento apropriado, o animal pode retomar a sua vida normal. No entanto, mesmo as pequenas convulsões podem provocar lesões cerebrais. As lesões tendem a ter um efeito cumulativo com o passar do tempo e os ataques tendem a ser cada vez mais graves, sobretudo se não são tratados.

Se um ataque durar mais de 30 minutos, é provável que o animal sofra lesões cerebrais graves e permanentes. Estas podem manifestar-se como alterações de personalidade, perdas de memória, stress cardíaco e respiratório, coma ou mesmo morte.

Quais as causas das convulsões?

Várias situações podem alterar o equilíbrio entre a excitação e a inibição no cérebro. Qualquer uma delas, desde que consiga ultrapassar o limiar de excitação cerebral pode provocar uma convulsão.

Apresentam-se como causas de convulsões:

- Tóxicos: plantas, insecticidas e químicos industriais.
- Estados metabólicos: hipoglicémias, doenças cardíacas que diminuam o aporte de oxigénio ao cérebro, alterações no equilíbrio hidro-electrolítico como a hipocalcémia, doenças renais e hepáticas que prejudiquem a eliminação de subprodutos tóxicos e doenças tiróideias.
- Dano físico: trauma, tumores, infecções e choques.

Quando uma destas causas é responsável pelas convulsões, diz-se que o animal tem **EPILEPSIA SECUNDÁRIA**, isto porque nestes casos, a (E) surge como consequência a um acontecimento ou doença primária.

Quando não se consegue identificar uma causa, que explique a existência de convulsões, diz-se que o animal tem **EPILEPSIA IDIOPÁTICA OU PRIMÁRIA**. Em algumas raças de cães está comprovada a predisposição a esta forma de (E): Border collie, Pastor alemão, Cocker, Basset hound, Schnauzer, São bernardo, Setter irlandês e Golden retriever, estando mesmo em algumas, estudada a hereditariedade da (E).

Diagnóstico

Além da história e do exame clínico obtidos no acto da consulta, o veterinário pode ter que recorrer a exames complementares para diagnosticar (E) no seu animal. Exames como: análises de sangue e urina, bioquímicas séricas indicadoras da função hepática e renal, doseamentos às hormonas tiroideias, electrocardiograma, Rx craniano, TAC e electroencefalograma, poderão ser necessários para o diagnóstico definitivo e sobretudo para distinguir (E) Primária de Secundária, visto que esta distinção tem importantes implicações no tratamento e prognóstico da doença.

Tratamento

O tratamento da (E) secundária depende sobretudo da remoção ou controlo da causa das convulsões. Por exemplo: um animal com uma patologia cardíaca (tem convulsões pela privação de oxigénio ao cérebro), terá a sua (E) controlada se a doença cardíaca for tratada, da mesma forma que, uma (E) devido a um tumor cerebral desaparecerá, se o mesmo poder ser removido.

No caso de (E) Primária, ou quando não é possível eliminar a causa de (E) Secundária, será necessário o recurso a fármacos anti-epilépticos ou anti-convulsivos que controlem os ataques epileptiformes, de forma a evitar danos adicionais provocados por ataques frequentes.

Situações nas quais deve ser iniciado o tratamento anti-epiléptico:

- Quando os ataques ocorrem sucessivamente, originando inclusivé *status epilepticus*.
- Quando ocorre um ataque isolado mais que uma vez por mês.
- Quando já foram vistas algumas convulsões, mas desconhece-se a frequência com que podem surgir, pois o animal passa muito tempo sozinho.
- Quando são observados os primeiros ataques num animal de raça predisposta, isto porque nestes, os ataques tendem a ser mais graves e difíceis de tratar com o passar do tempo.

O fenobarbital, o diazepam, a primidona, o brometo de potássio e outros de última geração, são os fármacos mais frequentemente prescritos pelo veterinário no tratamento da (E). Estes não curam a (E), apenas têm como objetivo controlá-la, diminuindo a frequência e intensidade dos ataques, evitando situações que coloquem o animal em risco de vida.

É necessário paciência quando se trata a (E), pois cada animal é um caso, e poderá demorar algum tempo, até se encontrar o esquema de tratamento ideal, que o irá manter controlado para a vida.

Sedação excessiva, aumento da sede e da fome são os efeitos laterais mais comuns dos fármacos anticonvulsivos, mas são normalmente transitórios e desaparecem com a continuação do tratamento e desenvolvimento de tolerância.

Acompanhamento

São pouco frequentes os danos secundários consequentes ao uso de anti-convulsivos. No entanto, visto que o tratamento é para toda a vida, é recomendável que anualmente o animal faça pelo menos um check-up hepático, renal e hemático; de modo a vigiar o estado dos órgãos (fígado, rim e medula óssea), que mais podem sofrer com o uso prolongado de anti-convulsivos. A medição regular das concentrações sanguíneas do fármaco anti-convulsivo utilizado é também importante na avaliação da eficácia do tratamento.©

IMPORTANTE

- 1- **NUNCA ALTERE A DOSE OU PARE A MEDICAÇÃO ANTI-EPILEPTICA DO SEU ANIMAL SEM CONSULTAR O SEU VETERINÁRIO**

Estes fármacos provocam dependência e uma diminuição súbita da posologia pode precipitar uma convulsão gravíssima.

- 2- **UM ATAQUE EPILEPTIFORME QUE DURE MAIS DE 5 MINUTOS OU MAIS QUE 3 ATAQUES NUM PERIODO DE 24 HORAS SÃO: EMERGÊNCIAS MÉDICAS! NÃO ENTRE EM PÂNICO**

LIGUE LOGO AO SEU VETERINÁRIO: Ele saberá o que lhe dizer.

- 3- **LEMBRE-SE: VIVA COM A EPILÉPSIA DO SEU ANIMAL E NÃO VIVA PARA ELA!!!!**

A maioria dos animais com (E) têm mais dias bons que maus, por isso goze os bons! O seu animal pode ter uma doença séria mas não deixe que isso o impeça de o desfrutar.

Fontes:

1- www.canine-epilepsy.net/basics/basics_main.html

2- www.marvistavet.com/html/body_seizure_disorder.html

3- Sherding, Robert e Birchard, Stephen; Manual Clínico de Procedimentos em Pequenas Espécies; 2ª edição; McGraw-Hill Interamericana; Madrid; 2002; pp 1489-1500